



Gôntos CLÁSSICOS DE Gerrô

Seleção e apresentação
JULIO JEHA



Copyright da seleção e da apresentação © 2018 by Julio Jeha

Copyright dos contos: Shirley Jackson, “A loteria”: © <completar>; Lygia Fagundes Telles, “Venha ver o pôr do sol”: © by Lygia Fagundes Telles; Stephen King, “Vovó”: © <completar>.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Estúdio Passeio

Projeto gráfico

Claudia Espínola de Carvalho

Preparação

Ana Paula Martini

Revisão

Thaís Totino Richter

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Contos clássicos de terror / seleção e apresentação Julio Jeha.
– 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

ISBN 978-85-359-3177-8

I. Contos de terror – Coletâncias
I. Jeha, Julio.

18-20263

CDD-808.83

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Coletâncias : Literatura 808.83
Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Apresentação | JULIO JEHA 7

GEORGE SAND | Esperidião 11

WALT WHITMAN | Morte na sala de aula 25

EDGAR ALLAN POE | O barril de Amontillado 35

R. L. STEVENSON | O ladrão de corpos 45

MACHADO DE ASSIS | A causa secreta 73

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM | A tortura pela esperança 87

THOMAS HARDY | Bárbara, da Casa de Grebe 97

BRAM STOKER | A selvagem 147

H. G. WELLS | Pollock e o homem do Porroh 167

HENRIQUE COELHO NETO | A tapera 191

W. W. JACOBS | A mão do macaco 233

JOSEPH CONRAD | A Fera 249

JOÃO DO RIO | Emoções 281

HUGH WALPOLE | O *tarn* 291

H. P. LOVECRAFT | Na cripta 311

HUMBERTO DE CAMPOS | Os olhos que comiam carne 327

SHIRLEY JACKSON | A loteria 335

LYGIA FAGUNDES TELLES | Venha ver o pôr do sol 349

STEPHEN KING | Vovó 361

Apresentação

A LITERATURA ASSOMBRADA PELO MEDO

Julio Jeha

O medo do fim fundamenta as lutas que travamos todos os dias, como indivíduos e civilizações. O que são as empreitadas da agricultura e da engenharia senão defesas contra a fome, as doenças, os terremotos e as intempéries? Contudo, não batalhamos apenas contra situações naturais adversas potencialmente fatais. Nós também nos deparamos com o mal moral, exercido por seres humanos — muitas vezes conscientes de que estão causando sofrimento e até mesmo sentindo prazer nisso. Assim, a filosofia e a literatura, entre outras realizações culturais, são tentativas de entender os obstáculos que nos impedem de atingir a perfeição para além das necessidades do cotidiano.

Tanto nas empreitadas físicas quanto nas intelectuais, o mal absoluto e definitivo é a morte, já que ela encerra nossa existência. Com a morte, acaba-se nossa esperança de

uma vida melhor; passamos de uma realidade conhecida para outra, da qual nada sabemos. Portanto, nossa sensação mais básica, no sentido de mais primitiva e fundamental, é o medo. A situação mais aterradora dentre todas as que nos assombram é o medo do desconhecido, que é o medo da morte.

Assim, a literatura é também uma ferramenta que nos prepara para esse embate final. Das primeiras narrativas babilônicas até as histórias que contamos hoje, de um modo ou de outro, encenamos o conflito entre o bem e o mal, isto é, entre nossa sobrevivência e nossa destruição. De forma mais explícita, a literatura que se convencionou chamar de terror, ou ainda gótica e de horror, nos permite viver, por procuração, situações angustiantes paralelas às de nossa experiência. Ou ainda situações que desejaríamos nunca experimentar. Entre a sedução e o medo, porém, criamos estratégias, muitas vezes catárticas, de elaborar a morte.

Em alguns casos, o agente maligno que provoca a destruição das personagens é um animal, uma casa ou mesmo um navio, aparentemente dotados de vontade própria. Casos de possessão demoníaca ou de feitiços maléficos apenas transfrem para a esfera metafísica a responsabilidade moral: uma casa assombrada pode não ter agência como um ser humano, mas compartilha com ele o desejo de destruição.

Os contos reunidos nesta coletânea transitam entre gótico, horror e terror, sem se afiliar a nenhuma dessas categorias com exclusividade. Contudo, vale deixar de lado a tentativa de distinguir essas formas entre si e pensar numa *literatura do medo*, conceito mais amplo e abrangente. Nessa forma literária, uma personagem é vítima ou testemunha de um ato cruel, que causa sofrimento gratuito a ela ou a outro

ser vivo, prenunciando sua morte. Essa aberração moral é tamanha que torna, por algum tempo ou indefinidamente, a personagem ou o narrador incapaz de reagir. Tal ato abominável ocorre para infligir dor, seja por vingança, prazer sádico ou ambos. Em grande parte das histórias, o mal surge como retribuição por um ato cometido num passado longínquo, por um antepassado, ou no passado recente, pelo perpetrador, que agora ocupa o lugar da vítima.

Como as histórias a seguir nos mostram, a literatura do medo é, sobretudo, múltipla e não se deixa capturar em um só desenho. A retórica do indizível, marcada pela presença do monstro, torna a própria literatura monstruosa: recusando-se a ser circunscrito por uma definição, o mal causa um curto-círcuito na significação ao se conectar com uma rede de metáforas sem limites.

A representação do mal não é uma empreitada simples. O único meio que parece capaz de incluir essa enormidade em si mesmo é a narrativa. O teólogo suíço Karl Barth, defronte à impossibilidade de falar o nada, afirma que a própria teologia deve se tornar narrativa para incluir em si fratura e limite. Mas a narrativa parece ser movida e libertada pela força do mal: não apenas para incluí-lo, mas para se tornar sua cúmplice. “A literatura não é inocente”, diz Bataille, “ela é culpada e deveria reconhecer-se como tal.” Apenas quando a literatura reconhece sua cumplicidade com o mal é que ela cumpre sua natureza, que é comunicar o essencial.

George Sand

ESPERIDIÃO

(Episódio)

Havia três noites que eu não dormia. Na quarta, por volta de meia-noite, peguei uma tesoura, uma lanterna, uma alavanca e penetrei sem ruído numa igreja, decidido a ver o esqueleto e a tocar as ossadas que havia seis anos minha imaginação revestia de uma forma celeste e que minha razão ia restituir ao eterno vazio contemplando-as com calma.

Cheguei à pedra do *Hic est*, ergui-a sem muito esforço e comecei a descer a escada; lembrava-me de que havia doze degraus. Mas não havia descido cinco e minha cabeça já estava perturbada. Ignoro o que acontecia dentro de mim: se eu não tivesse passado por isso, nunca poderia acreditar que a coragem da vaidade pudesse superar tanta fraqueza e tanto terror covarde. Fui tomado pelo frio da febre, o medo fez tremer meus dentes; deixei cair a lanterna; senti que minhas pernas dobravam-se sob meu corpo.

Um espírito sincero não teria tentado superar essa aflição. Ele teria desistido de perseguir uma provação acima de suas forças; teria adiado seu encontro para um momento mais favorável; teria esperado com paciência e simplicidade a serenidade de suas faculdades mentais. Mas eu não queria desmentir a mim mesmo. Estava indignado com minha fraqueza; queria romper e atrofiar minha imaginação. Continuei a descer nas trevas, mas meu espírito esvaneceu e me tornei vítima das ilusões e dos fantasmas.

Pareceu-me que continuava a descer e que mergulhava nas profundezas do Érebo. Enfim, cheguei lentamente a um lugar plano e escutei uma voz lúgubre pronunciar estas palavras que parecia confiar às entranhas da terra:

“Ele não subirá a escada.”

Nesse instante, ouvi erguer-se em minha direção, do fundo de abismos invisíveis, mil vozes que cantavam num ritmo estranho:

“Vamos destruí-lo! Que ele seja destruído! O que ele vem fazer no meio dos mortos? Que seja levado de volta ao sofrimento! Reconduzido à vida! ”

Então uma fraca claridade perfurou as trevas e percebi que estava no último degrau de uma escada tão vasta como a base de uma montanha. Atrás de mim havia milhares de degraus de ferro vermelho; à minha frente, apenas o vazio, o abismo do éter, o azul sombrio da noite sob meus pés e sobre minha cabeça. Fui tomado por uma vertigem e, saindo da escada, sem pensar que fosse possível subir por ela, lancei-me no vazio, blasfemando. Mas mal pronunciara as sentenças de maldição, o vazio se encheu de formas e cores confusas; aos poucos, percebi que estava no mesmo plano de uma imensa galeria, e avancei tremendo. A escuridão ainda reinava ao meu redor; mas o fundo da abóbada iluminava-se com um clarão vermelho, revelando formas estranhas e terríveis da arquitetura. Todo esse monumento parecia, por sua força e tamanho gigantesco, ter sido talhado numa montanha de ferro ou numa caverna de lavas negras. Não distinguia os objetos mais próximos de mim; mas à medida que avançava, adquiriam um aspecto cada vez mais sinistro, e meu terror aumentava a cada passo. Os enormes pilares que sustentavam a abóbada, e até mesmo os ornatos desta, representavam homens de um tamanho sobrenatural, todos entregues a torturas espantosas: uns, suspensos pelos pés e espremidos por serpentes monstruosas, mordiam o solo, e seus dentes penetravam no mármore; outros, afundados no chão até a

cintura, eram puxados de cima, uns pelos braços com a cabeça no alto, outros, de cabeça para baixo, voltavam-se para capitéis compostos por figuras humanas debruçadas sobre eles e obstinadas a torturá-los. Outros pilares representavam um enlaçamento de figuras que se devoravam, e cada uma delas mostrava apenas um tronco roído até os joelhos ou ombros, mas cuja cabeça furiosa era viva o suficiente para morder e devorar o que estava por perto. Havia os que, esfolados pela metade, se esforçavam, com a parte superior do corpo, para desprender a pele da outra metade, presa ao capitel ou retida na base; e ainda outros, que, ao se debaterem, haviam arrancado lanhos de carne que os mantinham pendurados com uma expressão de ódio e sofrimento indizíveis. Ao longo do friso havia em cada lado uma fileira de seres imundos, revestidos de forma humana, mas de uma feiúra espantosa, ocupados em decepar cadáveres, devorar membros de corpos humanos, torcer vísceras, refestelar-se de despojos sanguinolentos. Da abóbada pendiam, no lugar de fechos e rosáceas, crianças mutiladas que pareciam soltar gritos lancinantes, ou que, fugindo atemorizadas dos devoradores de carne humana, se precipitavam com a cabeça para baixo e pareciam prestes a se estatelar no solo.

Quanto mais eu avançava, mais essas estátuas, aclaradas pela luz do fundo, adquiriam o aspecto da realidade; estavam forjadas com uma verdade que a arte dos homens nunca teria podido alcançar. Parecia uma cena de horror que um cataclismo desconhecido teria surpreendido no meio de sua realidade viva, e teria enegrecido e petrificado como a argila no forno. A expressão de desespero, de raiva e agonia era por demais impressionante em todos os rostos contraídos; o mo-

vimento ou a tensão dos músculos, a exasperação da luta, o frêmito da carne enfraquecida eram reproduzidos com tanta exatidão que era impossível suportar a cena sem desgosto e terror. O silêncio e a imortalidade dessa representação talvez acentuassem ainda mais seu efeito horrível em mim. Tornei-me tão fraco que parei e quis voltar.

Foi então que escutei, nos fundos das trevas que havia atravessado, rumores confusos como os de uma multidão em movimento. Em pouco tempo as vozes tornaram-se claras e os clamores mais ruidosos, e os passos apressaram-se tumultuosamente, aproximando-se com uma rapidez incrível: era um barulho de corrida irregular, estremecida, mas cujo estrépito se tornava mais próximo, mais impetuoso, mais ameaçador. Imaginei que estava sendo perseguido por essa multidão desregrada, tentei ultrapassá-la, precipitando-me debaixo da abóbada no meio das esculturas lúgubres. Mas me pareceu que aqueles personagens começavam a agitar-se, a umedecer-se de suor e sangue, e que seus olhos de esmalte giravam nas órbitas. De repente percebi que todos me olhavam e curvavam-se sobre mim, uns com a expressão de um riso medonho, outros com uma aversão furiosa. Todos erguiam o braço sobre meu corpo e pareciam prontos a me esmagar sob os membros palpitantes que arrancavam uns dos outros. Alguns me ameaçavam com a própria cabeça nas mãos, ou com cadáveres de crianças que haviam arrancado da abóbada.

Enquanto minha visão era turvada por essas imagens abomináveis, meus ouvidos se enchiam de barulhos sinistros que se aproximavam. Havia a minha frente objetos medonhos, e atrás de mim ruídos ainda mais terríveis: risos, gritos, ameaças, soluços, blasfêmias, e, de repente, momentos de silêncio,

em que a multidão, levada pelo vento, parecia transpor distâncias enormes e ultrapassar-me cem vezes mais.

Enfim o ruído aproximou-se de tal forma que, sem esperança de escapar, tentei esconder-me atrás dos pilares da galeria; mas as figuras de mármore subitamente se animaram; e, agitando os braços que se estendiam freneticamente para mim, queriam me agarrar para devorar-me.

Fui então arremessado pelo medo até o meio da galeria, onde os braços não podiam alcançar-me, e a multidão veio em meu encalço e o espaço encheu-se de vozes, o solo inundado de passos. Foi como uma tempestade nos bosques, uma rajada de vento nas ondas, uma erupção vulcânica. Tive a impressão de que o ar estava abrasado e de que meus ombros se dobravam sob o peso da onda. Fui carregado como uma folha de outono no turbilhão de fantasmas.

Todos usavam vestes negras, e seus olhos ardentes brilhavam sob um capuz sombrio, como os de um tigre no fundo de seu antro. Havia os que pareciam mergulhados num desespero sem limite, os que se entregavam a uma alegria insensata ou feroz, e outros cujo silêncio selvagem me dava calafrios e me amedrontava ainda mais. À medida que avançavam, as figuras de bronze e de mármore agitavam-se e se contorciam com tamanho esforço que acabavam por se livrar de sua terrível constrição, por se desprender do solo que lhes acorrentava os pés, por arrancar os braços e os ombros da cornija; os mutilados da abóbada também se despreditiam, e, arrastando-se como cobras ao longo das paredes, conseguiam chegar ao chão. E então todos esses antropófagos gigantescos, todos esses seres esfolados e mutilados juntavam-se à multidão de espectros que me arrastavam, e,

ao recobrarem a aparência de uma vida plena, começavam a correr e a gritar como os outros; assim, o espaço ao nosso redor se avolumava, e a multidão espalhava-se nas trevas como um rio que rompeu seu dique; mas o clarão longínquo ainda atraía e a guiava. Subitamente essa claridade pálida ficou mais viva, e vi que havíamos chegado ao fim. A multidão se dividiu, se espalhou nas galerias circulares, e eu percebi embaixo de mim, a uma distância imensurável, o interior de um monumento que a mão do homem nunca poderia ter construído. Era uma igreja gótica com o estilo das que os católicos construíam no século XI, numa época em que seu poder moral, tendo alcançado o apogeu, começava a construir cadasfalsos e fogueiras. Os pilares afilados, as arcadas pontiagudas, os animais simbólicos, os ornatos estranhos, todos os caprichos de uma arquitetura pretensiosa e extravagante estavam ali, desdobrados num espaço e em dimensões tais que um milhão de homens poderiam ser abrigados sob a mesma abóbada. Mas essa abóbada era de chumbo, e as galerias superiores onde a multidão se espremia eram tão próximas que ninguém conseguia ficar de pé; com a cabeça encurvada e os ombros quebrados, eu era obrigado a olhar o que acontecia no fundo da igreja sob meus pés, a uma profundezas que me dava vertigem.

De início só pude distinguir os reflexos da arquitetura, cujas partes inferiores flutuavam num vácuo, enquanto as partes intermediárias iluminavam-se de clarões vermelhos entrecortados por sombras negras, como se um foco de incêndio tivesse explodido em algum ponto imperceptível. Aos poucos a claridade sinistra espalhou-se por todas as partes do edifício, e eu divisei um grande número de figuras ajoe-

lhadas na nave, enquanto uma procissão de padres usando hábitos sacerdotais desfilava lentamente no meio e dirigia-se ao coro cantando com uma voz monótona:

“Vamos destruí-lo! Vamos destruí-lo! Aquele que pertence à tumba, que seja reconduzido à tumba!”

Esse canto lúgubre reavivou meu terror; olhei ao redor de mim, mas vi que estava sozinho num dos vãos entre duas vigas: a multidão invadira todos os outros, e não parecia preocupada comigo. Então tentei escapar desse lugar pavoroso, em que um instinto secreto me anunciava a realização de algum terrível mistério. Vi várias portas atrás de mim, mas estavam vigiadas por horríveis rostos de bronze que caçoavam, falando entre si e dizendo:

“Vamos destruí-lo, os despojos de sua carne nos pertencerão.”

Paralisado por essas palavras, aproximei-me da balaustrada curvando o corpo ao longo da rampa de pedra para não ser visto. Senti tamanho horror do que ia acontecer que fechei os olhos e tapei os ouvidos. Com a cabeça coberta com meu capuz e curvado até os joelhos, acabei por imaginar que tudo isso era um sonho e que eu adormecera num catre de minha cela. Fiz um esforço incrível para acordar e escapar ao pesadelo, e, com efeito, pensei ter acordado; mas, ao abrir os olhos, encontrei-me no mesmo vão, rodeado à distância por espectros que me haviam conduzido até ali, e vi no fundo da nave a procissão de padres que chegara ao meio do coro, formando um grupo coeso em cujo centro acontecia uma cena de horror que nunca esquecerei. Havia um homem deitado num caixão, e esse homem estava vivo. Ele não se lamentava, não mostrava nenhuma resistência; mas soluços sufocantes escapavam de seu peito, e seus suspiros profundos, acolhi-

dos por um silêncio morno, perdiam-se sob a abóbada, que os devolia à multidão insensível. Perto dele, vários padres munidos de martelos e pregos iam enterrá-lo assim que lhe arrancassem o coração. Com os braços sanguinolentos e enterrados no peito entreaberto do mártir, cada um vinha remexer e torcer em vão as entradas do homem; ninguém podia arrancar seu coração invencível, pois um feixe de diamante parecia protegê-lo. De vez em quando, os carrascos deixavam escapar um grito de raiva, e imprecações misturadas com vaias respondiam do alto das galerias. Durante essas abominações, a multidão prosternada na igreja permanecia imóvel, numa atitude de meditação e recolhimento.

Então um dos carrascos se aproximou todo ensanguentado da balaustrada que separa o coro da nave, e disse a seus homens ajoelhados:

“Almas cristãs, fiéis fervorosos e puros, ó meus irmãos bem-amados, orai! Redobrai súplicas e lágrimas, a fim de que o milagre se realize e vocês possam comer a carne e beber o sangue de Cristo, vosso divino Salvador.”

E os fiéis passaram a rezar em voz baixa, a golpear o peito e a espalhar cinzas em suas faces, enquanto os carrascos continuavam a torturar sua presa, e a vítima murmurava, chorando essas palavras:

“Ó meu Deus, livra essas vítimas da ignorância e da impotência!”

Parecia que um eco da abóbada, como uma voz misteriosa, trazia esses lamentos aos meus ouvidos. Estava tão paralisado pelo medo, que, em vez de lhe responder e aumentar minha voz contra os carrascos, apenas me dedicava a espiar os movimentos dos que me cercavam, com a esperança de

que não despejassem sua raiva contra mim, vendo que eu não era um deles.

Depois tentei despertar, e durante uns segundos minha imaginação me conduziu a cenas alegres. Numa bela manhã eu me via sentado na cela, rodeado pelos meus livros preferidos; mas um novo suspiro da vítima me arrancava dessa visão doce, e de novo me encontrava diante de uma interminável agonia e de carrascos incansáveis. Olhava o paciente, e parecia que ele se transformava a cada instante. Não era mais o Cristo, e sim Abelardo, e depois Jean Huss, em seguida Lutero... Eu me livrava desse espetáculo de horror e parecia rever a claridade do dia, fugindo com leveza e rapidez para o meio de uma agradável área campestre. Mas um riso feroz, vindo de perto de mim, me tirava com um sobressalto dessa doce ilusão, e eu percebia Esperidião no ataúde, lutando com os infames que esmagavam seu coração, sem conseguir apoderar-se dele. Depois não era mais Esperidião, e sim o velho Fulgêncio, que me chamava e dizia:

“Aléxis, meu filho Aléxis! Então tu vais me deixar morrer?”

Mal acabou de pronunciar meu nome, vi em seu lugar no caixão meu próprio rosto, o peito entreaberto, o coração rasgado por unhas e tenazes. No entanto, eu continuava escondido atrás da balaustrada, entregue à angústia da agonia e contemplando um outro que era eu mesmo. Então senti que ia desmaiar, meu sangue congelou nas veias, um suor frio jorrava de todos os membros, e suportei na própria carne todas as torturas infligidas ao meu espectro. Tentei reunir o pouco de força que me restava e, por minha vez, evocar Esperidião e Fulgêncio. Meus olhos se fecharam, e minha boca murmurou palavras de que meu espírito não tinha

mais consciência. Quando reabri os olhos, vi perto de mim uma bela figura ajoelhada numa atitude calma. A serenidade repousava em seu rosto largo, e seus olhos não ousavam abaixar para meu suplício. Ele tinha o olhar dirigido para a abóbada de chumbo, e notei que acima de sua cabeça a luz do céu penetrava por uma ampla abertura. Um vento fresco agitava levemente os anéis dourados de seu belo cabelo. Havia em seus traços uma melancolia inefável misturada com desespero e piedade.

“Ó tu, cujo nome conheço”, falei em voz baixa, “tu que pareces invisível a esses fantasmas medonhos, e que ousas dirigir-te somente a mim, a mim que te conhece e te ama! salva-me destes terrores, livra-me deste suplício!...”

Ele se virou para mim, e me olhou com olhos claros e profundos que pareciam ao mesmo tempo lamentar e desprezar minha fraqueza. Depois, com um sorriso angelical, estendeu a mão, e toda a visão recolheu-se nas trevas. Então, apenas escutei sua voz amiga, que me disse assim:

“Tudo que pensaste ver aqui, existe apenas na tua cabeça. Tua imaginação, sozinha, forjou o sonho horrível contra o qual tu te debateste. Que isto te ensine a humildade, e te lembre da fraqueza do teu espírito antes de tentares fazer o que ainda não és capaz de executar. Os demônios e fantasmas são criações do fanatismo e da superstição. Para que te serviu toda a tua filosofia, se ainda não sabes distinguir as puras revelações que o céu concede das visões grosseiras evocadas pelo medo? Nota que tudo o que acreditaste ver, aconteceu em ti mesmo, e que teus sentidos abusados não te fizeram outra coisa senão dar uma forma às ideias que há muito tempo te preocupam. Viste neste edifício formado de figuras de

bronze e de mármore, ora devoradoras ora devoradas, um símbolo das almas que o catolicismo embruteceu e mutilou, uma imagem dos combates que as gerações consagraram à Igreja profanada, devorando-se entre si, restituindo umas às outras o mal que haviam suportado. Essa onda de fantasmas furiosos que te arrastou é a incredulidade, a desordem, o ateísmo, a preguiça, o ódio, a cupidez, a inveja, todas as paixões maléficas que invadiram a Igreja quando a Igreja perdeu a fé; e esses mártires cujas entranhas os príncipes da Igreja disputavam eram os Cristos, os mártires da nova verdade, os santos do futuro, atormentados e dilacerados até o fundo do coração pelos impostores, invejosos e traidores. Tu mesmo, movido por um instinto de nobre ambição, tu te viste deitado nesse cenotáfio ensanguentado, aos olhos de um clero infame e de um povo imbecil. Mas foste duplicado aos teus próprios olhos; e enquanto a metade mais bela do teu ser suportava a tortura com perseverança e recusava entregar-se aos fariseus, a outra metade, egoísta e covarde, se escondia na sombra, e, para escapar a seus inimigos, deixava a voz do velho Fulgêncio expirar sem eco. Foi assim, ó Aléxis, que o amor à verdade soube preservar tua alma das paixões vis do povo; mas foi assim, ó monge, que o amor ao bem-estar e o desejo de liberdade te tornaram cúmplice do triunfo dos hipócritas, com quem estás condenado a viver. Vamos, acorda, e procura na virtude a verdade que pudeste encontrar na ciência.”

Mal acabou de falar, despertei; eu estava na igreja do convento, estirado sobre a pedra do *Hic est*, ao lado da cova entreaberta. Amanhecerá, os pássaros cantavam alegremente ao redor dos vitrais, o sol nascente projetava um clarão de

ouro e púrpura no fundo do coro. Vi nitidamente a pessoa que se dirigira a mim ingressar nesse clarão e apagar-se como se fosse confundida com a luz celeste. Sentia-me abatido por um sono de morte, e meus membros estavam entorpecidos pelo frio da tumba. O sino batia as matinas; apressei-me em recolocar a pedra sobre a cova, e pude sair da igreja antes que alguns devotos fervorosos, que não dispensavam os ofícios da manhã, entrassem no templo.

TRADUÇÃO DE MILTON HATOUM